



SENADO FEDERAL

PROJETO DE LEI Nº 614, DE 2022

Inscribe o nome de Maria Beatriz Nascimento no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

AUTORIA: Senador Paulo Paim (PT/RS)



[Página da matéria](#)



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador PAULO PAIM

PROJETO DE LEI Nº DE 2022

Inscribe o nome de Maria Beatriz Nascimento
no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica inscrito o nome de Maria Beatriz Nascimento no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

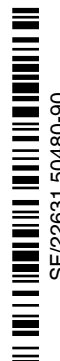
JUSTIFICAÇÃO

Maria Beatriz Nascimento foi uma intelectual à frente do seu tempo que trouxe profundas reflexões e contribuições em prol da inclusão socioeconômica da população negra brasileira.

Beatriz Nascimento era natural de Aracaju (SE). Nasceu em 12 de julho de 1942. Filha do pedreiro Francisco Xavier do Nascimento e da dona de casa Rubina Pereira. Sua família, que era formada por seus pais, a própria Beatriz Nascimento e nove irmãos, migrou para o Rio de Janeiro quando ela tinha apenas oito anos de idade.

Beatriz Nascimento graduou-se em história (1968 – 1972) e fez especialização (1979-1981) na UFRJ. Na Universidade Federal Fluminense (UFF), iniciou mestrado (1979-1984), mas não concluiu. Trabalhou no Arquivo Nacional, com acompanhamento do historiador José Honório Rodrigues.

Para ajudar a compreender um pouco a importância de Beatriz Nascimento, transcrevemos a seguir parte da nota bibliográfica de Beatriz Nascimento, contida no livro **“UMA HISTÓRIA FEITA POR MÃOS NEGRAS: Relações raciais, quilombolas e movimentos”**, organizado por Alex Ratts:



SF/22631.50480-90



SENADO FEDERAL

Gabinete do Senador PAULO PAIM

“Historiadora, ativista e poeta, Beatriz Nascimento foi uma das mais expressivas intelectuais negras do século XX, dedicando-se ao estudo da temática relacionadas às relações raciais, aos quilombos e às culturas negras. Suas reflexões sobre a vigência e a importância dos quilombos foram pioneiras, ao articularem dimensões entre o passado da escravidão e a luta antirracista de sua época. Em seus textos, publicados tanto em revistas acadêmicas como em jornais de grande circulação, ela observava crítica e sensivelmente as expressões culturais, artísticas e políticas no Brasil, suas conexões e seus impactos. Sua obra tem sido estudada por pesquisadoras e pesquisadores negros no Brasil e no exterior.

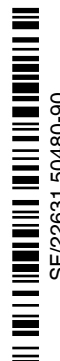
Em 1975, ao lado de outros estudantes negros e negras da UFF, esteve à frente da criação do Grupo de Trabalho André Rebouças (GTAR) cujo papel na articulação entre produção acadêmica, reflexão política e ações práticas nos debates sobre a questão racial foi fundamental. Em 1977, Beatriz realizou a célebre conferência Historiografia do Quilombo, na Quinzena do Negro, na USP, ocupando lugar de destaque como figura pública. Na década de 1980, Beatriz Nascimento começou a atuar também como professora de história na rede estadual do Rio de Janeiro e, além de suas atividades docentes, acadêmicas e militantes, fez os textos e narração do filme Orí, de Raquel Gerber, que documenta os movimentos negros brasileiros, tendo o quilombo e a diáspora como ideia central de um contínuo histórico e a história pessoal de Beatriz Nascimento como fio condutor.

Em 1994 ela retoma a carreira acadêmica ao ingressar no mestrado da Escola de Comunicação da UFRJ, com orientação de Muniz Sodré, o que a impulsiona a trabalhar com outras temáticas, ainda no horizonte negro e racial.”

Infelizmente, a brilhante trajetória de Beatriz Nascimento foi interrompida de forma brusca. Aos 52 anos, em 28 de janeiro de 1995, ela foi assassinada a tiros ao tentar defender a amiga do namorado agressor.

Em vida, além de diversos artigos, Beatriz Nascimento teve um livro publicado - Negro e cultura no Brasil (1987), em coautoria com Helena Theodoro e José Jorge Siqueira.

O assassinato de Beatriz Nascimento retrata um cenário de violência contra as mulheres, especialmente as mulheres negras, no Brasil, que, ainda hoje, nos envergonha.



SF/22631.50480-90



SENADO FEDERAL
Gabinete do Senador PAULO PAIM

Esse evento trágico também privou a sociedade brasileira do conhecimento de uma estudiosa e de uma visão aguçada sobre o papel das pessoas negras na formação brasileira.

Reconhecer a importância de Beatriz Nascimento, inscrevendo seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, é mais que uma homenagem a uma pessoa. É um reconhecimento da luta histórica de todas as mulheres brasileiras pelo tratamento igualitário. É reconhecer a trajetória e valorizar a cultura de um povo que outrora era arrancado de suas terras, de suas vidas, de suas famílias para povoar e construir o Brasil que hoje vivemos.

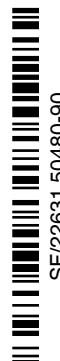
A Lei nº 11.597, de 29 de novembro de 2007, prevê que a inscrição no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros e brasileiras que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo. Exige-se o decurso de dez (10) anos da morte ou presunção da morte do homenageado.

Além do requisito objetivo, dez anos da morte, entendemos que Maria Beatriz Nascimento atende a todos os requisitos. Intelectual e ativista pelos direitos humanos de negros e mulheres, pesquisadora do protagonista negro no meio acadêmico, ela dedicou sua vida na construção de uma sociedade justa e inclusiva.

Espero contar com o apoio dos nobres pares para aprovação do presente projeto de lei.

Sala da sessão,

Senador **PAULO PAIM**
PT/RS



SF/22631.50480-90

LEGISLAÇÃO CITADA

- Lei nº 11.597, de 29 de Novembro de 2007 - LEI-11597-2007-11-29 - 11597/07
<https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:lei:2007;11597>